

Breve Reflexão sobre a Situação
e as Possibilidades Contemporâneas
da Latinidade

TEXTES DE REFERENCE

Breve Reflexão sobre a Situação e as Possibilidades Contemporâneas da Latinidade

Helio Jaguaribe



Académie
de la Latinité

Rio de Janeiro, 2001

ISBN 85-7261-011-1

© Helio Jaguaribe

Brésil, 2001

Académie de la latinité — Siège Amérique latine

Secrétariat général

Rua da Assembléia, 10, 42^o andar, Centro, Rio de Janeiro

Tél.: 55.21.531-2310; Fax: 55.21.533-4782

Page WEB: www.alati.org

E-mail: alati@alati.org

Secrétariat exécutif à Paris

25 rue Château Landon 75010 Paris. Tél./Fax: 33.1.40.35.08.20

E-mail: nelson.vallejo-gomez@wanadoo.fr

Sumário

A Latinidade	7
Situação Atual	8
Comparação Histórica	9
O que Fazer?	10
A Latinidade para Dentro.....	12
A Latinidade para Fora.....	14

A Latinidade

Em seu sentido mais imediato, a latinidade é a característica cultural comum e básica dos povos das Penínsulas Itálica e Ibérica, da França, de partes da Bélgica e da Suíça, bem como da Romênia, ademais, por expansão que se realiza a partir do século XVI, dos povos latino-americanos.

Na sua expressão européia, tais povos formavam o cerne do Império Romano. Historicamente resultam de um longo processo evolutivo, no curso do qual os povos constitutivos do corpo principal do Império Romano do Ocidente sofreram a influência cultural e étnica dos diversos povos que ocuparam aquele espaço geográfico, a partir do século V, com predominância dos germânicos.

Vistos em perspectiva histórica, os povos latinos constituíram um dos três principais núcleos formadores da Civilização Ocidental, juntamente com os povos germânicos e anglo-saxões. Resulta algo arbitrário tentar graduar a importância relativa, na formação do Ocidente, de cada um desses núcleos. O elemento germânico predominou se atentarmos à importância, na gestão da Europa, do Império Carolíngio. O elemento latino predomina se considerarmos, por um lado, que o latim e a cultura romana foram os ingredientes básicos na formação da cultura européia. O elemen-

to latino também ostenta predominância se considerarmos três dos momentos mais importantes na formação dessa cultura: a Idade Média, o Renascimento e a Ilustração.

Se considerarmos, em termos históricos mais recentes, a formação da Idade Moderna, observaremos que ela emerge com o Renascimento italiano, adquire uma de suas dimensões básicas com a Reforma alemã, passa por um período de hegemonia espanhola, do século XVI a princípios do XVII, seguida pela hegemonia francesa, de Richelieu a Louis XIV, culminando com a hegemonia inglesa, de meados do século XVIII até a Primeira Grande Guerra.

Situação Atual

Os povos latinos, de um modo geral, não tiveram um bem-sucedido século XIX, o que em grande parte explica sua situação atual. Se considerarmos o caso da França, o mais desenvolvido, nessa época, dos países latinos, verificaremos que se recuperou da derrota de Napoleão e da mediocridade da Restauração somente com Napoleão III para, entretanto, terminar com o desastre de Sedan.

A Terceira e a Quarta Repúblicas francesas, comparativamente aos mundos germânico e anglo-saxão da época, foram econômica e politicamente insatisfatórias. Uma importante recuperação, em relação ao conjunto da Europa, se realiza com De Gaulle. Mas então o mundo já se achava sob o predomínio americano.

O mundo posterior à Segunda Guerra Mundial se caracteriza pela forte predominância dos Estados Unidos. Estes se tornaram uma potência quase hegemônica (o *status* de

unimultipolaridade a que se refere Huntington) depois da implosão da União Soviética.

O predomínio americano abrange todas as mais relevantes dimensões operacionais da atualidade. É um predomínio econômico, tecnológico, político-militar e, sobretudo, informacional. Esse último aspecto abrange desde as inúmeras aplicações da informática até o cinema, a música, os jornais, a televisão e a subministração internacional de toda sorte de dados.

O predomínio americano se caracteriza, entretanto, por sensível desequilíbrio entre sua dimensão instrumental e sua dimensão substantiva, entre o domínio da divulgação e sua efetiva relevância cultural. Ante a avassaladora ocupação americana de todos os meios de divulgação e a decorrente difusão de uma imagem americanizada do mundo, os elementos germânicos da cultura ocidental se tornaram objeto de erudição e domínio de especialistas e os elementos latinos dessa mesma cultura assumem crescentemente aspectos folclóricos.

Comparação Histórica

A americanização do mundo e da imagem do mundo é apenas a última manifestação de um processo cíclico de hegemonização cultural cuja primeira ocorrência se deu no mundo helênico. De Homero (século VIII A.C.) a Alexandre (século IV A.C.) e um pouco depois dele, com os reinos helênicos do século III, a cultura helênica foi hemogênica e com ela sua visão do mundo. A romanização do mundo, de Scipião, o Africano (c. 235-183 A.C.), a Teodósio, o Grande (c. 346-395), se deu mediante a combinação da capacidade

organizacional e militar dos romanos com a cultura helênica, que se converteu em seu substrato cultural. O latim foi hegemônico no curso da Idade Média. O italiano prevaleceu parcialmente com o Renascimento, do século XIV ao XV. A cultura espanhola é predominante do século XVI a princípios do XVII, com seu “*siglo de oro*”. Segue-se o predomínio político-militar da França e da cultura francesa, na era de Racine e de Molière. O predomínio inglês, da segunda metade do século XVIII à Primeira Guerra Mundial, corresponde a uma superioridade econômica, técnica e político-militar sustentada por uma grande cultura, de Shakespeare a Byron, Shelley e Keats, de Dickens a Carlyle e Oscar Wilde.

O total predomínio americano em nossos dias — sem se subestimar suas relevantes contribuições científicas e mesmo no domínio das artes — resulta de uma decisiva superioridade econômica, tecnológica e militar, não apoiada, entretanto, por correspondente riqueza cultural. Algo como se imaginássemos um Império Romano privado de seu substrato helênico.

Entre as várias manifestações dessa desconformidade observa-se, nas recentes publicações procedentes dos Estados Unidos, na virada do século, a respeito da centúria que se encerrava, o fato de apresentarem como particularmente representativas do século XX inúmeras personalidades americanas da mais modesta significação, enquanto são omitidos grandes pensadores e artistas germânicos e latinos.

O que Fazer?

A cultura contemporânea se depara, entre outros, com dois fatos básicos. No que tange aos meios de comunicação,

com o fato de que o inglês se tornou a língua franca internacional, figurando o espanhol como segunda alternativa. No que tange às questões substantivas, com o fato de que o futuro do mundo depende de uma apropriada compatibilização entre o domínio dos meios, dependendo da expansão da tecnologia, e o domínio dos fins, dependendo da expansão do humanismo.

Tecnologia e humanismo se encontram desigualmente distribuídos no mundo; aquela, em vigorosa expansão nos Estados Unidos, é insuficientemente difundida no mundo latino. Este, impregnando a visão do mundo e o estilo de vida dos povos latinos — embora sem a pujança e a autoconsciência de precedentes períodos históricos — é, nos Estados Unidos, completamente ausente da vida cotidiana, lá tendo se convertido em mera especialização acadêmica.

Há uma lição óbvia a extrair desses dois fatos: empregar o inglês como idioma universal e o espanhol, como principal língua latina. Aprofundar e expandir, no mundo latino, seus valores humanistas, combinadamente com um vigoroso empenho de modernização tecnológica e introduzir, nos Estados Unidos e nos povos anglo-saxões, uma visão humanista do mundo, mantendo seu desenvolvimento tecnológico. A sustentação operacional do mundo contemporâneo depende da expansão da tecnologia e da correspondente modernização de todos os povos. A sustentação da civilização e de seus valores superiores, de que depende a preservação da liberdade racional do homem, requer a universalização e um humanismo moderno que se diferencia do clássico pela necessária ênfase em seus aspectos sociais e ecológicos.

A Latinidade para Dentro

Sem olvidar as áreas transterritoriais de expansão das culturas francesa e italiana, foram, sobretudo, dois os povos ocidentais que lograram universalizar suas respectivas culturas: ingleses e ibéricos. Aqueles, com os Estados Unidos e a *Commonwealth*. Estes, com a América Latina e as áreas lusófonas da África e da Ásia. Ocorre, entretanto, que o mundo ibérico entra em declínio a partir da segunda metade do século XVII e o mundo anglo-saxão em crescente predomínio a partir da segunda metade do século XIX.

Com a presente recuperação do mundo latino, com uma vigorosa França pós-De Gaulle, uma próspera Itália, uma Romênia redemocratizada, uma Península Ibérica modernizada e integrada na Europa, um grande surto de progresso em países-chave da América Latina, como Brasil e México e com uma Argentina iniciando sua recuperação, abre-se uma nova era para a latinidade. Uma era em que o humanismo latino se torna indispensável para o mundo e em que a latinidade demonstra estar superando, aceleradamente, seu déficit tecnológico.

A consolidação e a expansão, na latinidade, de seu humanismo social e ecológico e de sua própria identidade cultural, em suas múltiplas vertentes nacionais e lingüísticas, assim como sua acelerada modernização tecnológica, dependem da conjugação de um esforço de pensamento inovador com um amplo e competente sistema de divulgação. O mundo latino necessita dispor de condições para exercer, em profundidade, seu pensamento crítico. Algo a que, isoladamente, as universidades e instituições congêneres não estão, atualmente, dando satisfatória resposta. Necessita, por

outro lado, de apropriados instrumentos de divulgação, algo de que é ainda mais carente.

A Academia da Latinidade, se não quiser ser apenas uma instância retórica, em que pessoas inteligentes intercambiavam discursos inteligentes, tem de se constituir em uma agência de promoção do humanismo socioecológico e de uma modernização tecnológica a serviço desse humanismo e tem de conceber os meios operacionais para que essa reflexão criadora se exerça de forma inovadora e alcance a divulgação necessária.

Como realizar tais objetivos é algo que terá de decorrer da reflexão crítica da própria Academia da Latinidade e escaparia aos limites destes breves comentários, mencionem-se, apenas, duas considerações óbvias. A consecução de tais objetivos requer a formação, coordenada, de redes de intercomunicação intelectual entre universidades e instituições equivalentes. E requer a mobilização, a partir dos setores públicos e privados do mundo latino, de importantes recursos, tanto para o financiamento desse esforço de pensamento inovador e crítico como, notadamente, para sua divulgação. Se a latinidade quer subsistir como uma efetiva dimensão cultural e operacional do mundo, tem de custear seu esforço reflexivo e a divulgação desse esforço. Necessitamos de uma grande TV latina, de uma grande revista latina, de um grande cinema latino. Ou nos dotamos desses recursos ou nos converteremos no folclore do mundo anglo-saxônico.

A questão do aprofundamento e da divulgação da cultura latina requer ainda que se leve em conta a diversidade das línguas latinas, não obstante suas raízes comuns. Essa ques-

tão tem de ser abordada de forma extremamente objetiva e não-paroquial. Para esse efeito, importa reconhecer três fatos básicos. O primeiro se refere a que as línguas latinas são, majoritariamente, de recíproco acesso. Tal fato é óbvio na relação espanhol-português. É próximo na relação entre essas duas línguas e o italiano. Algo menos no caso do romeno. Já o francês requer conhecimento próprio. O segundo fato é o de que as pessoas cultivadas do mundo latino devem se exercitar na prática do entendimento direto das línguas afins, de sorte a ampliar o espaço de intercomunicação, reduzindo a necessidade de tradução a textos a partir do francês ou para o francês. Como decorrência, as pessoas cultivadas do mundo latino devem aprender francês e as de língua francesa aprender espanhol. O terceiro fato a ser levado em conta é o de que o espanhol, independentemente de quaisquer considerações valorativas, é a língua latina internacional e deve ser assumida como tal por todos os povos latinos.

A Latinidade para Fora

Não basta, para preservar a efetiva vigência mundial da cultura latina, que se adotem as medidas precedentemente mencionadas. É necessário que a cultura latina, como procederam os anglo-saxões com a sua, seja universalizada. Essa universalização se tornará algo eminentemente factível se as providências referidas no tópico “A Latinidade para Dentro” forem efetivamente adotadas. A existência de um pensamento latino crítico e inovador, amplamente difundido no

mundo latino, necessariamente extravasará para o restante do mundo.

Algumas providências operacionais, entretanto, serão assim mesmo necessárias. Mencione-se, por um lado, uma divulgação apropriada, nos Estados Unidos e no mundo anglo-saxão, ademais de em outras partes do mundo, da versão, em espanhol, da TV, do cinema e dos jornais e revistas latinos. Acrescente-se a necessidade de se adotar, para esses meios de divulgação, uma versão em inglês, à semelhança do que faz o mundo anglo-saxão em suas edições em espanhol.

Vale mencionar, enquanto o mundo germânico não adotar providências, para sua cultura, equivalentes às discutidas nestes breves comentários, a necessidade de os veículos da latinidade difundirem, também, importantes contribuições do mundo germânico. Se a cultura greco-romana está na raiz da cultura latina e nos fundamentos de seu humanismo, a cultura germânica, de Lutero a Goethe, de Kant e Hegel aos intelectuais de Weimar e da Escola de Frankfurt, é um dos fundamentos do Ocidente. Deste Ocidente que não pode continuar se manifestando, exclusiva ou predominantemente, por sua vertente anglo-saxônica. Viva Shakespeare! Mas vivas, também, a Petrarca e Dante, a Camões e Cervantes, a Goethe e Hegel. Viva Witehead! Mas vivas a Ortega, a Cassirer, a Raymond Aron e a Norberto Bobio, a Octavio Paz, a Borges e a Manuel Bandeira.